

ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO MACHISMO (*)

Mary Pimentel Drumont **

PERSPECTIVA/20

DRUMONT, M.P. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

RESUMO: Análise sociológica do machismo, definido como um sistema de representação-dominação ligado à intimidade sexual. Caracterização da estrutura da prática das relações entre os agentes sexuais.

UNITERMOS: Machismo, estrutura ideológica, dominação-sujeição.

INTRODUÇÃO

Em termos da colocação adotada, o machismo é definido como um sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher.

Esta definição não tem a preocupação de atingir um rigor conceitual a partir de um modelo teórico fechado e abstrato. Mas ao contrário, a de conceituar ainda que provisoriamente o machismo, de forma que a investigação possa ser conduzida para dar conta da multiplicidade de suas manifestações concretas dentro de uma unidade de análise.

O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como

para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela "liderança" masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher "tornam-se" homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos. Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina. Um outro exemplo nos é oferecido pela própria destinação em termos de

* Este artigo focaliza uma etapa de tese de doutorado em preparação. Apresenta elementos teóricos que fundamentam a pesquisa.

** Professora Assistente do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — Campus de Araraquara, UNESP.

trabalho: a menina é geralmente conduzida para as atividades que não produzem dinheiro, enquanto que o garoto é necessariamente orientado para uma profissionalização.

O machismo pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens e acatado e ou invejado pelas mulheres.

O machismo constitui, portanto, um sistema de *representações-dominação* que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos.

Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo "duas linguagens": uma masculina e uma feminina. Nesta produção-reprodução de papéis, códigos, representações sexuais, etc., há produção do espaço aberto, no sentido dado à expressão "corpo sem órgão" por Guattari e Deleuze (6) da extorsão do prazer, do sentido, do poder, do objeto, etc., onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher.

Assim, o machismo representa-articula (relações reais e imaginárias) esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade.

A tese se propõe ao estudo do machismo visto de seu interior, isto é, em suas articulações enquanto *estrutura ideológica* no seio das ideologias dominantes e das instituições de controle.

Investiga também como determinadas relações reiteram, sistematizam e des-

locam na esfera da existência privada uma estrutura fundamentalmente machista (ao nível do discurso), cuja origem pode se encontrar no social (por exemplo, o culto do herói entre as mulheres, o culto da "self-made-woman").

Analisa o tipo de poder que estas relações implicam. Neste sentido, faz parte de seus objetivos, compreender a "cumplicidade" no relacionamento sexual ao nível do micro-poder, em sua lógica interna e não apenas projetada para fora.

Deste ponto de vista, preocupa-se em estudar o investimento do desejo a ser operado no campo social e seus aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais.

Em suma, o trabalho expressa a lógica da transversalidade na análise do fenômeno estudado enquanto processo ideológico específico, na medida em que se preocupa com a representação que se tem das relações entre os sujeitos sexuais, seus aspectos de cumplicidade e os fatores extra-ideológicos que o machismo sustenta.

Dentro desta perspectiva, a pesquisa cujos resultados servirão de fundamento ao trabalho, objetiva o melhor conhecimento da estrutura do machismo ou seja, visa responder as seguintes questões:

1) Quais os mecanismos de controle e subjugação da mulher? Que instituições exerceriam funções domesticadoras e disciplinadoras capazes de caracterizar o processo de institucionalização destas relações?

2) Qual o funcionamento dos mecanismos simbólicos do machismo, ou seja, como ele se articula ao nível da ideologia?

3) Como se articula este sistema de *representação-dominância* ao nível da formação social brasileira? Como articular esta luta de sexos dentro das classes da sociedade brasileira?

CATEGORIAS ANALÍTICAS EMPREGADAS

Tal conceituação do problema implica em estudá-lo da perspectiva da *Análise Institucional*. Nesta perspectiva, as instituições sociais são concebidas como centros históricos de centralização do poder. O conceito não se reduz ao conjunto de normas assumidas por agentes (o que seria seu aspecto estrutural explícito) mas abrange também as normas não reveladas, freqüentemente as mais importantes, pois apontam para as "regras do jogo" do poder institucional. Inclui também o conjunto das relações sociais (práticas institucionais).

Estes dois aspectos, (as normas e as práticas) são mediados pelo discurso institucional. Estas instituições são sede de poder por onde atravessam as normas, as regras do poder central. Elas (as instituições) se processam num contexto de mudança e afirmação de relações e formas de produção social, apontando para as fissuras internas das práticas (hegemônicas) e para as respostas dos instituídos. (9).

Proceder à análise institucional, significaria pois, estudar as formas *instituintes* e não privilegiar as formas instituídas. Trata-se então de buscar no discurso institucional, antes de tudo, o simbólico, o não explícito em termos de resultado de uma observação. Esse simbólico, o não dito, é ligado a uma estrutura de poder. A análise institucional atenta

também para as implicações sociais, econômicas e políticas da observação sociológica. E introduz a dimensão *dialética*, quando procura as formas de *respostas* do polo institucional dominado, que se revelam nas relações entre dominantes e dominados.

Em suma, trata-se de "... um método que visa produzir uma nova relação do saber, uma consciência do não saber que determina nossa ação" (8). Trata-se, portanto, de mostrar, não somente a face objetiva das relações sociais, mas também a ação simbólica como uma variável importante, isto é, a ação das Instituições ausentes/presentes. (*)

Esta perspectiva teórico-metodológica permite-nos abordar o problema do machismo a partir de categorias analíticas extremamente frutíferas, tais como os conceitos de *Transversalidade* e o de *Estigma*.

O conceito de *Transversalidade* conforme o entendemos e Guattari (7), refere-se às ligações entre indivíduo-história, entre libido e sistemas político-sociais. A *transversalidade* se coloca a propósito da normatização e da repressão dos indivíduos (loucos, por exemplo), ou de grupos (mulheres, negros e grupos estigmatizados em geral) como concretização de uma situação de dominação sócio-política num contexto histórico-global. A *Transversalidade*, assim é um conceito que ultrapassa o nível da análise dos papéis sociais e coloca a questão da gênese e do sentido da participação do indivíduo no grupo, sem cair numa análise descritiva sócio-psicológica. "A transversalidade num grupo é uma dimensão contrária e complementar às estruturas geradoras de hierarquização piramidal e dos modos

(*) Apesar de sua evidente influência dos métodos psicanalíticos que pode ser vista no uso dos conceitos tais como o de **inconsciente**, de **objeto de desejo** o **não dito**..., os mesmos estão subordinados ao estudo de **estrutura** de autoridade, de poder.

de transmissão esterilizadores das mensagens" (7).

Como instrumento de trabalho analítico o conceito permitir-nos-à estudar a lógica interna do machismo enquanto *estrutura ideológica de representação-dominância* entre os sexos. Esta categoria é útil para mostrar a determinação social das ações dos sujeitos. Isto não significa entretanto que em cada classe, em cada grupo, o machismo não apresente especificidades. Daí a necessidade de trabalhar com as semelhanças e as diferenças.

Uma outra categoria analítica com a qual trabalharemos é a de *Estigma* (4) por nós considerado como um dos mecanismos *instituintes* dos grupos e que, segundo Goffman, é um atributo profundamente depreciativo. Este autor salienta que o que é preciso ver na realidade, é a existência de uma *linguagem de relações* e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. Portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso... Um estigma é então, na realidade, um tipo especial de relações entre atributos e estereótipo. Em síntese, o estigma é um dos mecanismos de controle e dominação, de que a sociedade dispõe, sobre os indivíduos. O estigma justifica, portanto as principais formas de segregação que conhecemos como a segregação de classe, de grupos minoritários, de sexos, etc., consequentemente a manipulação das relações sociais.

Estudar, portanto, os processos de estigmatização é, antes de tudo, reconhecer que estes processos estão subordinados às relações de saber e poder, bem como às suas determinações sociais, históricas e econômicas. É investigar como se passa o *processo de dominação*, disciplinarização e submissão dos indivíduos, de seus corpos e de seu tempo.

E nesse ponto, valemo-nos de M. Foucault (3) para quem o capitalismo "foi obrigado a elaborar um conjunto de *técnicas de poder*, pelo qual o homem se encontra ligado a algo como o trabalho, um conjunto de técnicas pelo qual o corpo e o tempo dos homens se tornam tempo de trabalho e força de trabalho e podem ser efetivamente utilizados para se transformar em lucro..."

É fundamental, portanto, investigar a *disposição* da estrutura de poder deste sistema simbólico, o machismo. Aprender também a forma e a disposição do poder masculino permeabilizando as instâncias estruturais, bem como as possíveis *respostas* que o polo dominado pode oferecer.

Ora, sabemos que a mulher enquanto polo dominado assume a opressão de diferentes formas, na condição de vítima ela afirma cada vez mais sua posição oprimida, não assumindo a direção de seu próprio destino social, não se engajando numa luta pela sua própria liberação.

CONCLUSÕES:

Concluindo, o machismo é definido como um sistema de *representação-dominância* fortemente ligado à intimidade sexual.

A tese tenta aprofundar o estudo do machismo, já anteriormente iniciado em uma dissertação de mestrado (1).

Em termos metodológicos procedeu-se a uma *Análise Institucional* do machismo de tal modo que se possa penetrar o social desde o desejo até o caráter antagônico e complementar das relações histórico-sociais desse sistema ideológico.

DRUMONT, M.P. Some elements towards an analysis of "machismo". *Perspectivas*, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

ABSTRACT: Sociological analysis of "machismo", defined as a system of domination-representation connected with sexual intimacy. Structure characterization of the practice of relationships between sexual agents.

UNITERMS: Machism; ideological structure; domination-subjection.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DRUMONT, M.P. *Essai d'interprétation sociologique du 'machismo' au Nord-est du Brésil*. Universidade Católica de Louvain, Louvain, Bélgica. 1970.
2. ——— O machismo: análise de um ideal. In: Reunião Anual da S.B.P.C. 28, Brasília, 1976.
3. FOUCAULT, M. *A Verdade e as formas jurídicas*. 2.^a ed., Cadernos da P.U.C., Rio de Janeiro, 1975.
4. GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
5. GRAMSCI, A. *Los intelectuales y la organización de la cultura*. Buenos Aires, Nueva Edición. 1973.
6. GUATTARI, F. & DELLEUZE, G. *L'Anti-Oedipe*. Paris, Minuit. 1972.
7. GUATTARI, F. *Psychanalyse et transversalité*. Paris, Maspero. 1972.
8. LOURAU, R. *Analyse institutionelle*. Paris, Minuit. 1970.
9. LUZ, Madel. Construção de modelo de análise de instituições. *Associação dos Psiquiatras da Bahia*, Salvador, 2, 1978.